



Revista eletrônica Evidência & Enfermagem

ISSN: 2526-4389

ARTIGO ORIGINAL

CONHECIMENTO DOS ESTUDANTES DE ENFERMAGEM SOBRE HEPATITE B KNOWLEDGE OF NURSING STUDENTS ABOUT HEPATITIS B

Viviane Vanessa Rodrigues da Silva Santana¹, Maria Valéria Resende dos Santos², Thalita da Silva Pereira³

RESUMO

Objetivo: avaliar o conhecimento dos estudantes de enfermagem de uma faculdade privada de Alagoas sobre a Hepatite B. **Metodologia:** estudo transversal, quantitativo, realizado através da aplicação de um questionário. **Resultados:** foram aplicados 369 questionários. Apenas (310-84,01%) reconhece a Hepatite B como uma IST. A forma de transmissão mais citada foi à transfusão sanguínea (319-86,4%). Sobre a vacina, 366 (99,1%) apontaram que existe. A vacinação foi à forma de prevenção mais citada com 365 (98,9%), seguida pelo uso de preservativo (54,47%) e de EPIs (28,45%). Apenas 126 (34,1%) estudantes usam preservativo, 07 (1,8%) mantém relações sexuais com profissionais do sexo, 136 (36,8%) já sofreu acidente com material perfuro cortante, 55,28% já fez teste sorológico para pesquisa do vírus e 296 (80,2%) foram vacinados. **Conclusão:** é preciso estimular o uso do preservativo em todas as relações sexuais, a vacinação e prevenir os acidentes com perfurocortantes.

Descritores: Hepatite B; Estudante; Enfermagem.

ABSTRACT

Objective: to evaluate the behavior, knowledge and attitudes of nursing students from a private school in Alagoas on Hepatitis B. **Methods:** a cross-sectional, quantitative study using a questionnaire. **Results:** 369 questionnaires were applied. Only (310-84.01%) recognize Hepatitis B as an STI. The most frequently reported form of transmission was blood transfusion (319-86.4%). About the vaccine, 366 (99.1%) indicated that it exists. Vaccination was the most cited form of prevention with 365 (98.9%), followed by condom use (54.47%) and EPI's (28.45%). Only 126 (34.1%) students use a condom, 07 (1.8%) have sex with sex workers, 136 (36.8%) have already suffered an accident with sharp piercing material, 55.28% have already undergone a serological test And 296 (80.2%) were vaccinated. **Conclusion:** it is necessary to stimulate the use of condoms in all sexual relations, vaccination and to prevent puncture-sharp accidents.

Descriptors: Hepatitis B; Student; Nursing.

¹Enfermeira. Mestre em Ciências da Saúde pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Doutoranda em Ciências da Saúde pela UFAL.

²Enfermeira. Faculdade Estácio de Alagoas.

³Enfermeira. Universidade Federal de Alagoas (UFAL).

Autor correspondente: Viviane Vanessa Rodrigues da Silva Santana. E-mail: Viviane.santana@esenfar.ufal.br

INTRODUÇÃO

Segundo dados da OMS, estima-se que aproximadamente 600.000 pessoas morram a cada ano devido à hepatite aguda ou às consequências da hepatite crônica e as hepatopatias estão se tornando importante causa de hospitalização e de óbito entre pacientes sendo grande parte causada pelas Hepatites Virais.¹⁻²

Foi na década de 80 que o Ministério da Saúde incluiu a abordagem das Hepatites Virais no sistema nacional de vigilância epidemiológica por orientação da Organização Panamericana de Saúde - OPAS. De lá até hoje, foram se aperfeiçoando os métodos de investigação e controle, até que na década de 90 com a criação do Centro Nacional de Epidemiologia (CENEPI/FUNASA/MS), foi implantada a Gerência Técnica das Hepatites Virais, visando implementar um sistema de Vigilância Epidemiológica padronizado em todo o país.²

Em 1996, recentemente, as Hepatites Virais foram incluídas no SINAN (Sistema Nacional de Agravos de Notificação Compulsória), em 1998, 1999 e 2001, as revisões feitas mantiveram apenas as Hepatites do tipo B e C nesta lista de notificação, atualmente a portaria em vigor, de número 204, de 17 de fevereiro de 2016 trás todos os tipos de Hepatites Virais, agrupadas na mesma ficha de investigação.²

As Hepatites têm grande importância epidemiológica pelo número de indivíduos

atingidos e pela possibilidade de complicações das formas agudas e crônicas. Todos os tipos de vírus da Hepatite têm predileção pelo tecido hepático, uma vez dentro do organismo, esse vírus migra para o fígado onde causará uma inflamação no seu tecido levando a necrose dos hepatócitos.²

As formas mais graves são mais frequentes nas infecções pelo vírus C que têm tendência maior a cronicar que os outros tipos de vírus. A transmissão dos vírus B se dá por meio de contato com o sangue contaminado e fluido corpóreos, com alto índice de transmissão via sexual, o que aumenta o risco de infecção nos adolescentes e adultos jovens.²

Os profissionais de saúde são referência para a população em geral no que diz respeito às informações sobre doenças e tratamentos em geral. Desta forma, a formação deste profissional deve receber uma atenção especial, erguida sob pilares que forneça ao estudante conteúdo e segurança para agir e transmitir as informações recebidas à população e seus futuros pacientes.

É comum observar que ao sair da Universidade o profissional enfrenta dificuldades para lidar na prática com a realidade das necessidades da população, incluindo a assistência às Hepatites Virais B e C. As dificuldades podem ser decorrentes das falhas na formação de recursos humanos na área da saúde, evidenciado pela pelas dificuldades apresentadas pelos profissionais

em executar e operacionalizar os conceitos de integralidade e do enfoque atual em Saúde Coletiva, tornando imprescindível uma avaliação do conhecimento dos docentes a respeito dessas patologias.³

Todos os profissionais de saúde estão expostos ao risco de contrair um dos vírus quando desenvolvem suas atividades laborativas, lidando frequentemente com sangue, secreções e fluídos corpóreos e, dentro da equipe de saúde, o enfermeiro e o odontólogo são profissionais que ficam bastante expostos, entre outros, durante os procedimentos pela natureza das suas profissões.

A exposição aos riscos de contaminação inerentes ao desempenho das funções na área da saúde é uma constante em todas as profissões desta área. Em relação às Hepatites Virais, todos os profissionais estão expostos ao risco de se contaminar com um dos vírus ao desenvolverem suas atividades laborativas, que incluem o manejo de sangue, secreções e fluídos corpóreos, porém, decidiu-se selecionar para este estudo os estudantes de enfermagem pela natureza dos procedimentos executados pelos mesmos, na sua maioria, invasivos e pelo tempo de contato prolongado com os pacientes na realização de procedimentos.⁴

Segundo o COFEN⁴, “para efeito de cálculo devem ser consideradas como horas em enfermagem por leito nas 24 horas, os valores de 3,8 horas para cuidados mínimos e até 17,9 horas para cuidados intensivos”, o

que os torna mais expostos a adquirir doenças, assim como os cirurgiões dentistas pela característica tecnicista do exercício da sua profissão.

É durante a graduação que devem ser ofertadas informações com qualidade suficientes para o profissional sentir-se seguro diante de um problema tão grande e grave quanto à questão das Hepatites. Desta forma se faz necessária a avaliação do conhecimento dos discentes a respeito da Hepatite B.

Diante da importância da Hepatite B para a Saúde Pública e cientes da necessidade do controle e combate à doença e do papel do enfermeiro no enfrentamento de patologias como esta, decidiu-se avaliar o conhecimento dos estudantes de graduação em enfermagem de uma faculdade privada de Alagoas sobre esta doença, uma vez que este profissional irá realizar procedimentos invasivos e precisa ter conhecimentos para sua proteção e de seus pacientes, bem como este profissional deve estar apto para orientar a população, esclarecendo suas dúvidas sobre a doença e orientando sua prevenção.

MÉTODOS

Trata-se de um estudo exploratório, transversal com abordagem quantitativa. A amostra foi calculada em um universo de 800 estudantes e a partir deste total o cálculo da amostra para este estudo foi de N= 363 estudantes, considerando um erro amostral de 5% e nível de confiança de 95%.

Nesta amostra foi aplicado um questionário elaborado pela equipe de pesquisa. O critério de inclusão dos participantes foi ser discente regularmente matriculado no curso de graduação em Enfermagem em uma Instituição de Ensino Superior (IES) privada nos meses de fevereiro a junho de 2014. Foram excluídos da pesquisa os discentes que se encontravam afastados por qualquer razão durante o período de coleta de dados. Os sujeitos foram abordados individualmente nas dependências da IES, antes e após as aulas, sendo convidados a responder o questionário após a leitura e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Os

estudantes puderam responder ao questionário dentro das salas, após as aulas, obtendo privacidade. A coleta de dados só foi iniciada após a aprovação do Comitê de Ética e Pesquisa, sob o número de Parecer CAAE: 22101713.7.0000.0039.

Os dados coletados foram analisados, tratados com estatística descritiva simples (porcentagem).

RESULTADOS

Foram aplicados 369 questionários, correspondendo a 42,1% dos matriculados no curso de graduação em enfermagem da Instituição, sendo 328 (88,8%) do sexo feminino e 41 (11,1%) do sexo masculino.

Tabela 1. Conhecimento geral dos discentes de graduação em enfermagem sobre a Hepatite B.

Variáveis	Sim (%)	Não (%)	Não sabe (%)
A Hepatite B é uma IST?	84,1	14,9	0,8
Transmissão Sexual	85,68	-	-
Transmissão via parenteral	20,8	-	-
Transmissão por transfusão sanguínea	86,4	-	-
Transmissão fecal-oral	4,08	-	-
Diagnóstico		-	-
Sintomas: Icterícia	98,1	-	-
Sintomas: Cefaléia	7,3	-	-
Sintomas: Colúria	7,04	-	-
Sintomas: Tontura	4,6	-	-
Sintomas: Diarreia	4,3	-	-
A Hepatite B pode se apresentar de forma assintomática	95,1	3,25	0,2

Fonte: dados da pesquisa, 2014.

A vacina contra a Hepatite B foi abordada no questionário e obtivemos as respostas apresentadas na tabela 2. Sobre a doação de sangue por indivíduos portadores da Hepatite B, 335 (90,7%) pessoas responderam que não, 02 (0,5%) que sim, 02 (0,5%) não sabiam e 01

(0,5%) não souberam responder. Quanto ao conhecimento dos riscos de desenvolver cirrose e/ou câncer de fígado, 341 (92,41%) respondeu que são possíveis 11 (2,9%) que não, 13 (3,5%) não souberam responder, 02 (0,5%) não quiseram responder.

Tabela 2. Conhecimento dos discentes de graduação em enfermagem sobre a vacina contra a Hepatite B.

Variáveis	Sim %	Não %	Não sabe %	Não responderam %
A Hepatite B pode se cronificar?	81,8	4,8	2,9	-
A Hepatite B tem tratamento?	65,8	24,9	0,54	-
A Hepatite B tem cura?	72	27,6	0,5	-
Existe vacina contra a Hepatite B?	99,1	-	-	0,5
A vacina da Hepatite B 3 doses?	97,5	-	0,8	1,8
A vacina da Hepatite B está disponível na rede pública de saúde?	99,1	-	-	0,8
A vacina da Hepatite B pode ser administrada em gestantes?	94,8	1,6	2,7	0,5

Fonte: dados da pesquisa, 2014.

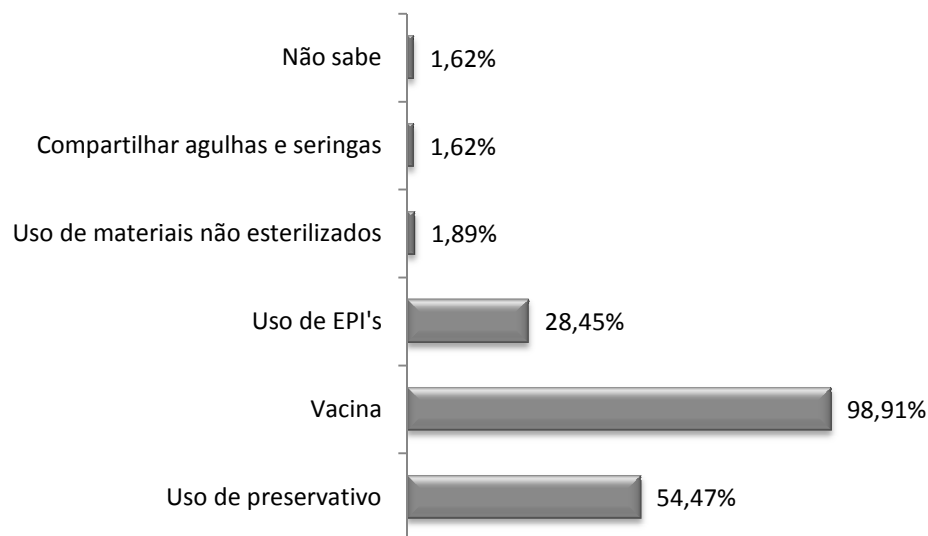
Quando indagados sobre as formas de prevenção da Hepatite B, a vacinação foi a mais citada com 365 (98,9%) das respostas, seguidas pelo uso de preservativo e de Equipamentos de Proteção Individual (Fig.1).

As atitudes dos estudantes de enfermagem relacionadas aos riscos de adquirir a Hepatite B revelaram que apenas 126 (34,1%) estudantes usam preservativo durante a relação sexual, enquanto que 197 (53,3%) fazem sexo desprotegido e 31 (8,4%) afirmam usar o preservativo às vezes. Destes

07 (1,8%) não tinham vida sexual ativa e 01 (0,5%) não quis responder e entre os 369 discentes, 07 (1,8%) revelaram que mantinham relações sexuais com profissionais do sexo.

Ainda, 55 (14,9%) estudantes possuíam *piercing*, 33 (8,9%) tatuagem e 136 (36,8%) já havia sofrido algum acidente com material perfuro cortante. Somente 55,28% haviam feito algum teste sorológico para pesquisa do vírus da hepatite B e 296 (80,2%) eram imunizados.

Figura 1. Conhecimento dos discentes de graduação em enfermagem sobre as formas de prevenção da Hepatite B, Maceió, 2014.



Fonte: dados da pesquisa, 2014.

DISCUSSÃO

O vírus da Hepatite B possui alta infectividade, uma única partícula viral é capaz de infectar o ser humano. A transmissão pode ocorrer, sobretudo pela via sexual, parenteral e transmissão vertical, por meio de acidentes com material biológico e exposições percutâneas, incluindo tatuagens, *piercings* e uso compartilhado de utensílios cortantes contaminados, utilizados por portadores do vírus.^{5,6}

Assim, certos grupos populacionais são considerados de alto risco para a infecção pelo vírus da hepatite B, como profissionais e estudantes da saúde quando expostos a inoculações acidentais com quantidades mínimas de sangue. Com isto, torna-se necessário o conhecimento deste grupo relacionado aos comportamentos de risco quanto a exposição ao vírus.⁷

<http://dx.doi.org/10.26544/Reeev1n2201794>

De acordo com a pesquisa, apenas 4,06% dos discentes mostraram-se equivocados quanto à transmissão do vírus B, confundindo com a transmissão de outro tipo de hepatite. Ainda, 84,01% dos pesquisados possuíam o conhecimento que a hepatite B era considerada uma infecção sexualmente transmissível.

Os quadros clínicos agudos das hepatites virais são muito diversificados, variando desde formas subclínicas ou oligossintomáticas, até formas fulminantes. A maioria dos casos cursa com predominância de fadiga, anorexia, náuseas, mal-estar geral e adinamia.

Entre os entrevistados, 98,1% apontaram a icterícia com o principal sintoma específico da hepatite B, no entanto, de maneira semelhante às outras hepatites, as infecções causadas pelo vírus B são habitualmente anictéricas, pois apenas 30% dos indivíduos apresentam a forma

ictérica da doença. Quanto a cronificação, somente 5% a 10% dos indivíduos infectados cronificam, informação apontada por 81,8% dos estudantes.²

Não existe tratamento para as formas agudas das hepatites virais, quanto pertinente é utilizados medicamentos para alívio dos sintomas como febre e vômitos. Recomenda-se repouso, dieta equilibrada e suspensão da ingestão de álcool por pelo menos seis meses, sempre com o acompanhamento clínico para remissão dos sintomas.²

Para a hepatite crônica, é importante que no nível da atenção básica o atendimento seja voltado para ações simples que reduzam a chance de progressão da doença para cirrose ou câncer de fígado como suspensão de bebidas alcoólicas, prevenção da co-infecção com o HIV, controle de distúrbios metabólicos como hiperlipidemia, diabetes e obesidade. Uma parcela de hepatite crônica necessitará de tratamento, cuja indicação baseia-se no grau de acometimento hepático. Diante disto, a hepatite B possui tratamento, seja direcionado para remissão dos sintomas, ou de acordo com o dano hepático, contrariando 29,4% dos estudantes que não tinham conhecimento desta informação.⁷

Em longo prazo, dependendo do grau e da intensidade da doença, esta pode evoluir para cirrose e/ou carcinoma hepatocelular, respondido corretamente por 92,41% dos estudantes. O tratamento antiviral pode ser

efetivo em, aproximadamente, um terço dos pacientes que o recebem, porém, em determinados pacientes, o transplante de fígado parece ser o único tratamento viável para estágios avançados da hepatite B.²

A vacina contra Hepatite B é a medida preventiva mais efetiva em populações adultas com fatores de risco. A vacina tem estado disponível desde o início da década de 80, e a partir da década de 90, as três doses da vacina passou a ser oferecida gratuitamente pelo Sistema Único de Saúde (SUS) sendo recomendada a grupos em risco elevado como os profissionais de saúde, conferindo imunidade a mais de 90% dos indivíduos vacinados.⁸

Após a implantação da vacina no calendário vacinal, torna-se importante a monitoração dos níveis de cobertura vacinal nos trabalhadores e estudantes da área da saúde, uma vez que a vacinação não tem atingido a cobertura ideal entre os profissionais da área da saúde, sendo a baixa adesão apontada como um dos principais motivos.⁸

Com isto, torna-se necessário que os futuros profissionais da saúde estejam imunizados contra a Hepatite B, pois a evolução da patologia depende da resposta imune do hospedeiro, pois tanto o componente celular quanto o humoral são necessários para a eliminação do vírus.⁹ Entre os estudantes que participaram da pesquisa, 99,1% sabiam da existência da vacina para a patologia e que esta era

disponibilizada gratuitamente pelo SUS e 97,5% apontaram as três doses da vacina.

Com o intuito de reduzir a transmissão vertical do vírus, foi intensificada a triagem sorológica a todas as gestantes que fazem o pré-natal no SUS e todos os recém-nascidos de mães portadoras da doença receberão profilaxia da vacina e imunoglobulinas. No caso de positividade para o vírus B, o risco de transmissão de mãe para o filho é de 20%. A gravidez não contra indica a vacinação, como responderam 94,8% dos entrevistados, podendo ser realizada em qualquer idade gestacional.⁸⁻⁹

A lei 7.649, de 25 de janeiro de 1988, estabeleceu a obrigatoriedade do cadastramento de doadores de sangue e a realização de exames laboratoriais para hepatite B, sífilis, doença de Chagas, malária e AIDS. Assim, como apontaram 90,7% dos entrevistados, portadores de hepatite B não estão aptos a doar sangue por ser a via parenteral uma importante via de transmissão da doença.⁹

As formas de prevenção da hepatite B estão diretamente relacionadas à vacinação e forma de transmissão do vírus, transmitido por transfusão de sangue e hemoderivados, transplante de órgãos, hemodiálise, aleitamento materno, contaminação de agulhas, seringas e materiais intravenosos, e por via sexual.⁷

A vacinação foi a forma de prevenção mais apontada pelos estudantes com 98,9% das respostas, demonstrando que há o

conhecimento destes quanto a forma mais efetiva de se prevenir contra a doença.

O comportamento individual dos profissionais de saúde frente às doenças é importante e deve começar ainda na vida acadêmica para que se torne uma prática e possa ser estendida durante suas orientações à população quando trabalhando como enfermeiros. A vacinação é uma das formas de prevenção e em relação à imunização a situação encontrada foi de 296 (80%) estudantes imunizados entre os que responderam o questionário. Em uma doença cuja vacina existe, é eficaz e está disponível na rede pública de saúde, é importante que os profissionais e estudantes da área estejam 100% imunizados por estarem expostos à transmissão durante a realização dos procedimentos inerentes à enfermagem durante os estágios ou mesmo quando profissionais.

Entretanto, investigando outras atitudes dos discentes contra a Hepatite B encontrou-se uma situação preocupante em que 197 (53%) dos discentes afirmaram que mantém relação sexual sem o uso do preservativo e sete (1,8%) afirma ter relações sexuais com profissionais do sexo. Sabendo-se que a Hepatite B é uma IST, esse comportamento aumenta as chances de infecção e transmissão. Outro dado preocupante é sobre os acidentes com material perfurocortantes sofridos por 136 (36%) pessoas participantes da pesquisa, pois a literatura indica que o vírus da Hepatite B

é transmitido também por via parenteral⁶, portanto esses estudantes foram expostos a este risco e 202 (55%) do total de entrevistados informaram ter realizado a sorologia para a doença, o que mostra a preocupação com o diagnóstico, mas certa displicência com a prevenção.

Para desenvolver as ações de enfermagem durante os procedimentos é necessário desenvolver habilidades técnicas e muita atenção, além da utilização frequente e correta de todos os equipamentos de proteção individual.

CONCLUSÃO

O número de estudantes da instituição de ensino pesquisada que possuem conhecimento sobre a Hepatite B é representativo, eles reconhecem os principais sintomas da doença, suas formas de prevenção e tratamento, porém um número significativo relata sexo sem proteção e ocorrência de acidentes com material perfurocortante, ou seja, possuem conhecimento, mas o utilizam parcialmente para si. No entanto, é necessário expandir a pesquisa para outras instituições visando obter um panorama mais representativo deste universo.

REFERÊNCIAS

1. Silva ACLG, Tozatti F, Welter AC, Miranda CDC. Incidência e mortalidade por hepatite B, de 2001 a 2009: uma comparação entre o Brasil, Santa Catarina e Florianópolis. *Cad. saúde colet.* 2013;21(1):34-9.
2. Gomes MA, Priolli DG, Tralhão JG, Botelho MF. Hepatocellular carcinoma:

<http://dx.doi.org/10.26544/Reeev1n2201794>

epidemiology, biology, diagnosis, and therapies. *Rev Assoc Med Bras* (1992). 2013 Sep-Oct;59(5):514-24.

3. Moretti-Pires RO, Bueno SMV. Freire e formação para o Sistema Único de Saúde: o enfermeiro, o médico e o odontólogo. *Acta paul. enferm.* 2009;22(4):439-44.
4. COFEn. Conselho Federal de Enfermagem. Portal COFEN. [Online]. 2004 [citado 2012 Jan 10]. Disponível em: www.portalcofen.gov.br
5. Ferreira O. Estudo de Doadores de Sangue com Sorologia Reagente para Hepatites B e C, HIV e Sífilis no Hemocentro de Ribeirão Preto. 2007
6. Alves de Melo FC, Isolani AP. Hepatite B e C: do risco de contaminação por materiais de manicure/pedicure à prevenção. *SaBios-Revista de Saúde e Biologia.* 2011;6(2).
7. Costa FM, Martins AMEBL, Santos NPE, Veloso DNP, Magalhães VS, Ferreira RC. Is vaccination against hepatitis B a reality among Primary Health Care workers?. *Rev. Latino-Am. Enfermagem.* 2013;21(1):316-24.
8. Lopes TGSL, Shinoni MI. Aspectos gerais da hepatite B. *R. Ci. med. biol.* 2011;10(3):337-44.
9. Santana VVRS. Conhecimento dos Docentes de Enfermagem e Odontologia sobre Hepatites Virais B E C em duas Instituições de Ensino Superior de uma Cidade do Nordeste. Dissertação de Mestrado da UFAL. Maceió- AL, 2013.